



**Tribunal de Justiça
do Estado do Maranhão**

CLIPPING IMPRESSO

17/03/2019

INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. INSTITUCIONAL.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2
2.2. DESEMBARGADOR.....	3
2.3. ESMAM.....	4

BASTIDORES

Raimundo Borges
bastidores@oimparcial.com.br



Tô fora (1)

Do Maranhão, o senador Weverton Rocha foi posição isolada no pedido da chamada “CPI da Lava Toda”, que objetiva investigar várias nuances relacionadas às atividades de magistrados, da primeira instância a ministros do Supremo Tribunal Federal. Weverton Rocha disse que apoia uma CPI, mas para investigar abuso de autoridades.

Tô fora (2)

Segundo Weverton Rocha, a CPI pedida pelo senador Alessandro Vieira, do PPS de Sergipe, não passa de um casuísmo do qual o pedetista não participa. O requerimento já conta com 27 assinaturas e sua instalação encrespa ainda mais as relações tensas entre o Judiciário e o Poder Legislativo.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



Calamidade civilizatória

Desde o pós-guerra, quando a natureza passou a sofrer com os impactos do derrame de petróleo no mar – com peixes contaminados por poluentes – os problemas com os oceanos não pararam.

Ao contrário, eles se diversificaram, com os novos poluentes se agregando aos já existentes, a exemplo dos plásticos que ameaçam a sociedade humana com efeitos que podem afetar os ecossistemas durante centenas ou até milhares de anos. A avalanche de lixo está dominando o planeta. A dependência do consumo transformou a cidadania em doença consumista. Ou se muda o estilo de vida da população mundial ou haverá um grande desastre ambiental, como alertou a Organização das Nações Unidas (ONU) em estudo recente.

A proporção entre toneladas de plástico e de peixe atualmente é de um para cinco. Caso não ocorram mudanças na maneira de descarte do lixo, a proporção, em 2025, será de um para três. O mais drástico é que, em 2050, a quantidade de lixo plástico nos oceanos deverá superar a de peixes.

O estrangulamento de animais por pedaços de plástico já foi registrado em mais de 270 espécies, incluindo peixes, mamíferos, répteis e pássaros, ocasionando lesões agudas, crônicas, ou mesmo a morte. Esse estrangulamento é hoje uma das maiores ameaças à vida selvagem e conservação da biodiversidade.

Uma pesquisa da Universidade de Reading, no Reino Unido, mostrou que os microplásticos – fragmentos de polímeros inferiores a 5 mm – já não são mais um problema apenas para as criaturas que vivem nos oceanos atulhados.

Agora, eles estão invadindo as cadeias alimentares de outros animais terrestres e povoando áreas de terra firme anteriormente consideradas intocadas.

Os mosquitos ou as libélulas podem ingerir os microplásticos e transportá-los.

Quando esses insetos são comidos por outros animais, os microplásticos entram totalmente na cadeia alimentar de outras espécies, disseminando o consumo de resíduos plásticos entre os seres vivos da Terra.

Há dez mil anos, os seres humanos e seus animais representavam menos de um décimo de 1% da biomassa dos vertebrados da terra.

Agora, eles são 97%. Cresceram as áreas ecúmenas (habitáveis) e diminuíram as áreas anecúmenas (desprovida de povoamento).

O domínio do egoísmo humano sobre nesse novo período geológico – no limiar de uma nova era (Antropoceno) – está provocando a sexta extinção em massa das espécies e acelerando a degradação dos ecossistemas. O consumismo compulsivo poderá destruir o processo civilizatório iniciado deste o surgimento do ‘homo sapiens’ até a sua transformação em ‘homo economicus’.

O problema é global e onipresente. Assim como

uma baleia morta não tem nacionalidade, o lixo que a mata também não tem passaporte, vem de qualquer lugar do mundo, levado pelos ventos e pelas correntes marítimas. A montanha de lixo jogada no oceano assumiu o contorno global de uma calamidade civilizatória. Os oceanos cobrem 71% da superfície da Terra. Com o lixo que recebem, são formadas ilhas de plásticos flutuando por todo lado, ameaçando a vida na Terra. O superpetroleiro de nome ‘Knock Nevis’ foi o maior navio já construído pelo homem na história mundial da navegação. Desmontado em 2010, ele tinha um comprimento equivalente a quatro campos de futebol e a largura de um prédio de 23 andares.

Era capaz de transportar, de uma só vez, uma carga com peso máximo de 564 mil toneladas.

Mesmo um colosso dessa magnitude se apegaria se tivesse que desempenhar a inglória tarefa de transportar o lixo domiciliar gerado anualmente no mundo.

Uma montanha de lixo de 730 milhões de toneladas necessitariam de 1,3 mil viagens do ‘Knock Nevis’.

Isso tratando-se só do rejeito gerado nos domicílios.

Se o ‘Knock Nevis’ tivesse que transportar a somatória do lixo que é gerado anualmente por todas as atividades humanas levadas a cabo no mundo – estimadas em 30 bilhões de toneladas – ele precisaria fazer mais de 53 mil viagens.

Temos uma insana e insone

máquina de acumulação de riqueza e capital, que funciona na base do modelo “Extraí-Produz-Descarta”. Ela aumentará o volume global de descarte de lixo e de resíduos sólidos em cerca de 70% até 2050, quando se alcançará 3,4 bilhões de toneladas.

Além de agravar as mudanças climáticas, a vertiginosa proliferação de lixo e resíduos no mundo representa uma ameaça adicional para a saúde da população humana, não humana, e do meio ambiente. Estamos vivendo na Era do Lixo”, com os resíduos ocupando um nexo central nas preocupações humanas.

O pior é que a crise mundial da poluição nos oceanos tende a se agravar, a menos que todos os atores dessa cadeia reconheçam a urgência de um acordo global para conter a poluição. causada pelo homem.

Infelizmente, nossa capacidade em lidar com os resíduos que geramos tem sido inferior à velocidade com que geramos esses resíduos e ao modo como eles impactam negativamente nos oceanos.

O mais grave é que a cada dia somos surpreendidos com novos tipos de poluentes, a exemplo dos fármacos – antidepressivos, anticoncepcionais, antibióticos – que saem da nossa urina e vão parar direto no ambiente marinho.

Eles não são facilmente eliminados nas estações de tratamento de esgoto e acabam indo para o mar, comprometendo esse recurso vital para a humanidade.

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luz.almeida@ globo.com / www.joseluzalmeida.com



AS NOSSAS PRÉ-COMPREENSÕES

As maiores e mais instigantes experiências que tive no exercício do *múnus* público, como promotor de justiça e magistrado, foram as que resultaram do meu convívio com os seres humanos dos mais diversos matizes. Dessa convivência enriquecedora, a grande lição que assimilei foi a de que do ser humano podemos esperar tudo, uma vez que, todos haverão de concordar, ele não cansa de se superar. Nesse sentido, quando pensamos já ter visto de tudo, o ser humano, para surpreender, aparece com alguma novidade. Ante essa elementar constatação de que o ser humano vive para surpreender, é que o legislador deve estar sempre atento, pois, afinal, as novas figuras típicas aparecem exatamente em face da capacidade que o homem tem de inovar nas trapaças, de se superar nas suas ações. Outra lição que assimilei nessa convivência com pessoas das mais variadas colorações é quanto à incapacidade que temos de incursionar sobre a alma do ser humano. Dessa incapacidade resulta que, na nossa convivência com o semelhante, julgamos, precipitada e impiedosamente, a sua conduta, mesmo que seja necessário perceber as razões pelas quais ele agiu assim e não assado. Às vezes, nas conversas informais, digo que a minha especialidade, depois de mais de trinta anos convivendo com criminosos dos mais diversos perfis, com testemunhas e com profissionais do direito das mais diversas colorações, é conhecer gente, para, em seguida, racionalmente, concluir ser essa uma tarefa quase impossível. Digo isso porque, na verdade, conhecer a alma do ser humano é tarefa quase impossível mesmo para os profissionais que se prepararam para essa faina, pois, afinal, como diz o ditado popular, o lobo pode perder os dentes, mas a sua natureza jamais.

Diante dessa constatação, sou forçado a reconhecer que, apesar do tempo de convivência com pessoas dos mais diversos perfis, nem eu e nem ninguém é capaz de dizer, verdadeiramente, que conhece o ser humano. E isso é fácil de constatar, posto que os exemplos dessa impossibilidade permeiam a nossa vida. Com efeito, nos mais diversos ambientes somos instados, a toda hora, a reafirmar a nossa incapacidade no que diz respeito a conhecer o ser humano. Logo, essa é a razão de nos surpreendermos, a cada momento, com reações de congêneres que imaginávamos não ser possível. Por isso, invariavelmente, diante da notícia dessa ou daquela atitude do ser humano, tomados de surpresa, costumamos, numa exclamação, simplesmente dizer: “Não é possível!”. Apesar das dificuldades que todos nós temos de conhecer o semelhante, insistimos, por teimosia ou necessidade, nessas tentativas quase vãs. E o que é ainda mais grave: insistimos em julgá-lo, mesmo sem dever fazê-lo, porque, efetivamente, não somos capazes mesmo de conhecer a alma de ninguém; às vezes, até a nossa própria alma nos surpreende. A verdade é que, reconheçamos, temos por hábito julgar o ser humano, apesar de não conhecê-lo. Eu, você, todos, enfim, estamos sendo submetidos, a todo momento, aos julgamentos do semelhante. E, o mais grave, é que somos julgados, sempre, a partir das idiosincrasias de quem nos julga; e, da mesma forma, agimos em relação ao semelhante a partir das nossas pré-compreensões. Não há uma só ação de um ser humano que não passe pelo filtro censório de outro ser humano. Para julgar um colega, um vizinho, um irmão, um desafeto, temos sempre o espírito atilado, como se fôssemos capazes, insisto na afirmação, de

conhecer a alma das pessoas que julgamos. Mas é preciso ter presente, e digo isso em face da minha experiência de vida e não em face de qualquer conhecimento teórico acerca do tema, que, para julgar um semelhante com grande probabilidade de minimizar os erros de avaliação, só se fôssemos capazes, o que não somos, de ver o mundo a partir dos seus olhos. O mundo que meu semelhante vê sob os seus olhos não é, definitivamente, o mundo que vejo, disso resultando que quando me atrevo a julgar uma atitude do semelhante, eu o faço com grande possibilidade, quase inevitável possibilidade, de julgá-lo muito mal. Daí porque, quase sempre, cometemos injustiça quando nos atrevemos a condenar essa ou aquela atitude do semelhante, à vista do que os nossos olhos enxergam. É por isso que se diz que, diante de um fato, a lente, os olhos do intérprete fazem a diferença. Diante do mesmo fato, da mesma atitude, dependendo da posição do intérprete, podemos ter compreensões diferentes. Para ilustrar como o homem, julgando o ser humano a partir da sua lente, da sua visão de mundo, pode cometer injustiça, cito o exemplo a seguir: Um soldado americano foi condecorado por ato de bravura, na Guerra do Vietnã, e expulso das forças armadas americanas por sua orientação sexual. É dele a frase definitiva e que bem retrata o que pretendo refletir nessas linhas: “Por matar vários homens fui condecorado; por amar um homem fui expulso das forças armadas”. O mundo visto pela lente do soldado, como se vê, diferia, diametralmente, do mundo visto pelos olhos dos seus comandantes, tendo sido ele julgado não em face do mundo que seus olhos enxergavam, mas pelo mundo que enxergavam os olhos dos seus superiores. É isso.




Bom Dia Sociedade
 Nossa conversa de todas as segundas-feiras

Orquídea Santos
 orquideafsantos@yahoo.com.br



Acesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafsantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.

MULHERES SÃO HOMENAGEADAS PELA ESMAM COM PROGRAMAÇÃO FESTIVA

A Escola Superior da Magistratura do Maranhão (ESMAM) realizou evento especial, no dia 8 de março, abrindo as comemorações alusivas ao mês da mulher, no âmbito do Judiciário estadual. A programação, aberta ao público, reuniu servidoras, juízas e outras profissionais, além de desembargadores e convidados, que participaram de happy hour interativo com participação da psicanalista e escritora carioca Elisabeth Bittencourt e o professor, Agostinho Ramalho (UFMA), que mediou o debate “Diálogo entre a Psicanálise e o Direito”.

“É um novo formato, que visa aproximar todo o público do Judiciário em momentos de integração e troca de saberes entre o Direito e a Ciência”, disse o diretor da escola, desembargador Froz Sobrinho, ao abrir as atividades.

O evento prosseguiu com tarde de autógrafos, exposição do artista plástico maranhense Cláudio Costa e apresentação do músico Alberto Trabulsi e do DJ Alex Palhano.



Diretor da ESMAM, desembargador Froz Sobrinho, psicóloga Oziléa Costa (funcionária do TJPA), psicanalista Elisabeth Bittencourt e Edmee Froz



As juízas Mirella Freitas e Larissa Tupinambá Castro